

ESTÉTICA E POLÍTICA

# BIBLOS

REVISTA DA FACULDADE DE LETRAS  
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

**MANUEL FERRO**

*Faculdade de Letras/Universidade de Coimbra  
Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos*

**A UTOPIA SOB O SIGNO DO POEMA HERÓI-CÓMICO:  
*O Balão aos Habitantes da Lua* (1819), de José Daniel  
Rodrigues da Costa, entre paródia e crítica social**

**Resumo**

A utopia enquanto espaço de convergência de diferentes vectores literários, como o poema herói-cómico, a paródia, a ficção científica e o ensaio histórico, conjuga de modo concertado uma pluralidade de códigos de diferente natureza. Neste contexto multimodo, como aliás em todos os textos utópicos em que se sonha com um universo de fantasia, nele projectando o melhor dos mundos possíveis no futuro ou, quiçá, num espaço alternativo, resplandece o pensamento sócio-político.

Escrito por José Daniel Rodrigues da Costa, *O Balão aos Habitantes da Lua* é simultaneamente um poema herói-cómico e uma utopia oitocentista, centrado no relato de uma viagem feita por Robertson no balão que ele próprio construiu. Em clave utópica, não se trata propriamente do reencontro com a ‘Cidade do Sol’ (de Campanella), mas da Lua e seus habitantes, bem como de sua modelar sociedade, que não deixa de ostentar aspectos jocosos e divertidos, mas fundados numa racionalidade de algum modo pertinente.

Para além do lugar que ocupa no âmbito do pensamento político do século XIX, trata-se, sem dúvida, de um marco no campo da expressão utópica do estado ideal, moldado em contraponto com a realidade humana, social e política do nosso país, que se projecta numa imagem ‘a negativo’, consonante a técnica da fotografia, na época em vias de afirmação e divulgação.

No poema, a miragem da cidade estruturada, justa e de concórdia evidencia o carácter exemplar da orgânica da sociedade apresentada, fundada numa notável planificação e na vivência da felicidade pública. Conciliando os ideais enunciados com a realidade contingente, aqui se projecta um modelo de cidade e de estado singulares, mediante a proposta de articulação da substância utópica com os sonhos e devaneios de renovação político-social do autor.

Num estilo aligeirado, o poeta consegue, assim, problematizar questões do campo da história e da política, em estreita articulação com temas educativos

e sociais, de modo não muito diverso do que H. G. Wells propõe e, simultaneamente, suscitar igualmente a “reflexão sobre o(s) sentido(s) da história e os caminhos do futuro, a busca de felicidade e o lugar da utopia no percurso da humanidade”. Por outro lado, e a outro nível, equaciona o funcionamento do binómio “a ficção na História e a História na ficção”, levando ainda o leitor a avaliar as “possibilidades perdidas [...] de] expectativas elevadas acerca do futuro”, delineadas em momentos do passado.

**Palavras-Chave:** Utopia, Poema herói-cómico, José Daniel Rodrigues da Costa, Paródia, Ficção sócio-política.

### Abstract

Utopia while a space of convergence of different literary vectors, such as the hero-comic poem, parody, scientific fiction and the historical essay, combines in a concerted way a plurality of codes of diverse nature. In this multimode atmosphere, as well indeed in the generality of all the utopian texts, in which it is dreamed of a universe of fancy, in it projecting the best of the possible worlds in the future, or, otherwise, in an alternative space, the socio-political thought glitters.

Written by José Daniel Rodrigues da Costa, *O Balão aos Habitantes da Lua/The Balloon to the Inhabitants of the Moon* is at the same time a hero-comic poem and a 19th century utopia, centered on the narrative about a travel undertaken by Robertson in a balloon that he himself had made. In a utopian key, it is not really the rediscovery of (Campanella’s) “Sun City”, but of the moon and its inhabitants, as well of its exemplar society, that displays jocose and funny aspects, based on an anyway appropriate rationality.

Besides the place that it occupies within the 19th century political thought, it is doubtless a mark in the field of the utopian expression of the ideal state, molded in counterpoint with the human, social and political reality of our country, which is projected as a negative image, according to the technique of the photography, at the time in process of affirmation and popularization. In the poem, the mirage of a structured, fair and harmonic town, based on a remarkable planning and on the experience of public happiness. Conciliating the enunciated ideals with contingent reality, here it is outlined a model of a singular town and state through the proposal of the combination of the utopian substance with the author’s dreams and reveries of socio-political regeneration.

Thus, in a light style, the poet succeeds in discussing questions of the field of History and politics, in a close relation with social and educational subjects, not unlike the way H. G. Wells proposes and, at the same time, raises the “speculation about the sense(s) of History and the pathways of the future, the search for happiness and the place of utopia in the route of Humanity”. On the other hand, and at another level, it equates the operation of the binomial

“the fiction of History and the History of fiction”, leading the reader to assess the “lost capabilities [...of] high expectations about the future”, outlined in moments of the past.

**Keywords:** Utopia, Hero-comic poem, José Daniel Rodrigues da Costa, Parody, Socio-political fiction.

*O Balão aos Habitantes da Lua* é simultaneamente um poema herói-cómico e uma utopia oitocentista, que propõe de modo fantasioso um tanto extravagante e mediante um hábil labor de apropriação de modelos literários, por demais conhecidos do público leitor, um universo ficcional algo original no contexto das letras portuguesas das primeiras décadas de Oitocentos. Formado no contexto do Neoclassicismo, o autor, José Daniel Rodrigues da Costa<sup>1</sup>, assume o nome arcádico de Josino Leiriense e, através de uma produção poética intensa, critica a moral e os costumes do tempo. Numerosos e precoces são os títulos que apontam na direcção que o poeta havia de percorrer, incidindo na sátira com uma intervenção social directa no ambiente que o rodeia: logo em 1786, publica *Correcção de maos costumes pelos sete vícios: sextinas líricas*<sup>2</sup>; segue-se-lhe *Ópios*<sup>3</sup>, de 1788; o *Almocreve de petas ou moral disfarçado para correcção das miudezas da vida*<sup>4</sup>, de 1798 e 1799; *O espreitador do mundo novo*<sup>5</sup>, de 1802; o *Barco da carreira dos*

<sup>1</sup> JOSÉ DANIEL RODRIGUES DA COSTA (*Colmeias*, Leiria, 31 de Outubro de 1757 – *Anjos*, Lisboa, 7 de Outubro de 1832) foi um poeta português que cedo sofreu as agruras da vida, perdendo o pai aos dois anos de idade e ficando ao cuidado de duas senhoras, pelo que se viu obrigado a ir viver com elas para Lisboa. Aí foi educado, sem que tivesse oportunidade de frequentar estudos superiores, e sob o pseudónimo de *Josino Leiriense*, que usava nas tertúlias da *Arcádia Lusitana*, gozou de alguma notoriedade social e intelectual, testemunhadas em várias obras literárias que publicou, quase sempre em primeiro lugar sob a forma de folhetos, sendo com alta probabilidade uma das mais célebres *O Balão aos Habitantes da Lua*, de 1819. Gozando da protecção do Intendente-Geral Pina Manique, empenhado em manter a ordem social e reprimindo os ideais iluministas da *Revolução Francesa*, José Daniel Rodrigues da Costa desempenhou o cargo de escrivão e de tabelião de notas em Portalegre, chegando, depois, a major da Legião Nacional do Paço da Rainha. Foi conhecida a sua rivalidade com *Barbosa du Bocage*.

Veja-se, a seu propósito, o verbete inserido em: INOCÊNCIO FRANCISCO DA SILVA, *Dicionário Bibliográfico Português*, Tomo IV, Lisboa, Imprensa Nacional, 1840, pp. 304-305.

<sup>2</sup> JOSÉ DANIEL RODRIGUES DA COSTA, *Correcção de maos costumes pelos sete vícios: sextinas líricas*, Lisboa, 1796. Nestas composições, encerra-se uma violenta crítica moral aos costumes do tempo.

<sup>3</sup> *Idem*, *Ópios*, Lisboa, 1788.

<sup>4</sup> *Idem*, *Almocreve de petas ou moral disfarçado para correcção das miudezas da vida*, Lisboa, 1798-1799.

<sup>5</sup> *Idem*, *O espreitador do mundo novo. Obra critica, moral e divertida*, Lisboa, 1802.

*tolos: obra critica, moral e divertida*<sup>6</sup>, de 1803; o *Hospital do mundo: obra critica, moral e divertida em que he medico o desengano e enfermeiro o tempo*<sup>7</sup>, de 1804; a *Camara optica onde as vistas às avessas mostram o mundo às direitas*<sup>8</sup>, de 1807; o *Tribunal da razão: onde he arguido o dinheiro pelos queixosos da sua falta: obra critica, alegre e moral*<sup>9</sup>, de 1814; a *Roda da Fortuna*<sup>10</sup>, de 1816; e depois d' *O Balão aos Habitantes da Lua*<sup>11</sup>, de 1819, que ainda teve uma segunda edição no Brasil, em 1821, compõe ainda, animado pelo mesmo espírito e no mesmo ano, *Portugal enfermo por vicios, e abusos de ambos os sexos*<sup>12</sup>. Naturalmente que assina outras composições menores, de acordo com as convenções poéticas da época, mas os títulos enunciados são aqueles em que se detecta de modo mais transparente a sua verve apurada usada na sátira, na generalidade em verso, visando o Portugal do início do século XIX, cuja sociedade o autor retratava como viciosa e perdida, entregue a festas, a modas importadas do estrangeiro, à futilidade e ao jogo, desprezando tudo o que era português e negligenciando valores matriciais como os que a família representava. No parecer de Alberto Pimentel, “José Daniel foi, como se sabe, um gracejador popular e não um escritor ilustrado; mas na sua graça há observação e, por isso, uma eterna oportunidade”<sup>13</sup>.

---

<sup>6</sup> *Idem, Barco da carreira dos tolos: obra critica, moral e divertida*, Lisboa, 1803.

<sup>7</sup> *Idem, Hospital do mundo: obra critica, moral e divertida em que he medico o desengano e enfermeiro o tempo*, Lisboa, 1804.

<sup>8</sup> *Idem, Camara optica onde as vistas às avessas mostram o mundo às direitas*, Lisboa, 1807.

<sup>9</sup> *Idem, Tribunal da razão: onde he arguido o dinheiro pelos queixosos da sua falta: obra critica, alegre e moral*, Lisboa, 1814.

<sup>10</sup> *Idem, Roda da Fortuna, onde gira toda a qualidade de gente, bem ou mal segura*, Lisboa, 1816.

<sup>11</sup> *Idem, O Balão aos Habitantes da Lua: Poema herói-cômico em um só canto*, Lisboa, na Imprensa Régia, 1819; 2.<sup>a</sup> ed.: Rio de Janeiro, 1821. Usei a edição preparada por Maria Luísa Malato: José Daniel Rodrigues da Costa, *O Balão aos Habitantes da Lua: Uma Utopia Portuguesa*, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2006.

<sup>12</sup> *Idem, Portugal enfermo por vicios, e abusos de ambos os sexos*, Lisboa, 1819.

<sup>13</sup> ALBERTO PIMENTEL, *Poemas Herói-Cômicos Portugueses (Verbetes e Apos-tilas)*, Porto/Rio de Janeiro, Renascença Portuguesa/Anuario do Brasil, 1936, p. 13.

Por conseguinte, mesmo nos seus escritos mais demolidores, descortina-se sempre uma intenção edificante, orientada para a regeneração da pátria.

Ora n' *O Balão aos Habitantes da Lua*, composto por um longo prólogo em verso decassilábico e rima emparelhada e um Canto único incluindo um total de oitenta estâncias em oitava rima segundo o modelo camoniano, é possível rastrear a abundância de leituras do autor. Se, por um lado, é evidente a paródia a *Os Lusíadas*<sup>14</sup>, por outro lado, é notório o deleite colhido com a leitura de livros mais fantasiosos, como as obras de Cyrano de Bergerac, muito particularmente, a *História Cómica dos Estados e Impérios da Lua (Histoire Comique [...], contenant les Estats et Empires de la Lune*<sup>15</sup>), publicada postumamente, em 1657, e *História Cómica dos Estados e Impérios do Sol (L'Histoire Comique des Estats et Empires du Soleil*<sup>16</sup>), igualmente póstuma, de 1662; e, depois, tudo harmoniosamente concebido de acordo com as linhas programáticas das utopias mais canónicas, porventura privilegiando a *Cidade do Sol* (1602)<sup>17</sup>, de Tommaso Campanella.

Ao assumir a forma de um poema herói-cómico, aproveita o nosso autor a popularidade do poema camoniano e usa, subvertendo, as estratégias e os códigos próprios da epopeia, por demais conhecidos do público leitor. Ora, neste contexto, o poema herói-cómico, por vezes olhado com preconceito e considerado um género menor, certamente em virtude da componente jocosa, irónica, satírica, cómica ou mesmo grotesca que lhe é inerente, pode ser visto como o resultado de um conseguido processo de desconstrução do paradigma épico mais canónico. E o princípio do século XIX é um período em que a epopeia havia, de todo, perdido a simpatia do público e os favores dos poetas. Não obstante, o poema herói-cómico preserva a sua vitalidade, como é do

<sup>14</sup> LUÍS DE CAMÕES, *Os Lusíadas*, Lisboa, em casa de António Gonçalves, 1572.

<sup>15</sup> CYRANO DE BERGERAC, *Histoire Comique [...], contenant les Estats et Empires de la Lune*, Paris, Chez Charles de Sercy, 1657.

<sup>16</sup> *Idem*, *L'Histoire Comique des Estats et Empires du Soleil*, Paris, Chez Charles de Sercy, 1662.

<sup>17</sup> *A Città del Sole*, de Tommaso Campanella, foi redigida em vulgar toscano em 1602 e só depois disso traduzida em latim, tendo então sido publicada: Tommaso Campanella, *Civitas Solis idea republicae philosophica*, Frankfurt am Main, por Tobia Adami, 1623. Utilizei a edição: Tommaso Campanella, *La Città del Sole*, Milano, Feltrinelli, 2005.

conhecimento geral. Naturalmente que, neste género menor, o acto de desconstrução das normas da epopeia deve ser entendido enquanto estratégia de reflexão, de lançamento de hipóteses, de distanciamento e, ao mesmo tempo, de identificação ou associação com ideias ou modelos, numa contínua questionação dos códigos consagrados pela épica, muito particularmente de matriz homérica e virgiliana, e, entre nós, predominantemente camoniana. Em simultâneo, respeita essa dialéctica uma lógica multidireccional de índole interdisciplinar e, num desafio constante que a reescrita de textos heróicos representa, privilegia matérias humildes. Torna-se, assim, um espaço ideal de pesquisa, a fim de se analisar a contaminação da história e teoria literárias com a análise textual imanente, num jogo de continuidade e ruptura, de subjectividade e tradição<sup>18</sup>. Será neste sentido que *O Balão aos Habitantes da Lua* deve ser abordado: por um lado, privilegiando o modelo de referência seguido – o camoniano; por outro, visando a sua constante actualização, de acordo com as matérias tratadas e o contexto em que surgiu.

Nesse ambiente de paródia a *Os Lusíadas*, o assunto trata da viagem, não para desbravar mares desconhecidos, mas pelos ares e espaços siderais, mais ao gosto da época e indo ao encontro da fantasia de um público mais exigente, que procurava já na ficção científica a resposta a uma apetência de um saber e curiosidade mais actual; por outro lado, em vez de Vasco da Gama, e dos navegadores lusos, dignos representantes de uma nação, afirma-se a individualidade de um único aeronauta, mais adequado à mundivisão dos tempos, Robertson, que não se dirige à Índia, mas à Lua, abrindo espaço para a descrição dos usos e costumes exóticos, não de outros continentes, mas dominantes noutro planeta. Alberto Pimentel, a propósito desta obra, chega mesmo a afirmar que “A graça do poema – e alguma tem realmente! – está em passar-se na lua justamente o contrário do que se passa na Terra”<sup>19</sup>. Não esqueçamos, por outro lado, que a mesma estrutura do modelo

---

<sup>18</sup> Sobre esta matéria, veja-se MANUEL FERRO, “Transitoriedade e caducidade dos géneros literários: o caso do poema herói-cómico”, in: MARIA TERESA DELGADO MINGOCHO, MARIA DE FÁTIMA GIL e MARIA ESMERALDA CASTENDO (Coord.), *Miscelânea de Estudos em Homenagem a Maria Manuela Gouveia Delille*, vol. 1, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade/Centro de Investigação em Estudos Germanísticos/Edições Minerva Coimbra, 2011, p. 603-616.

<sup>19</sup> ALBERTO PIMENTEL, *op. cit.*, p. 12-13.



camoniano já antes havia sido adoptada em obras de índole semelhante a este poema, como na *Paródia ao primeiro Canto dos Lusíadas de Camões*<sup>20</sup>, feita por quatro estudantes da Universidade de Évora, em 1589, em que o esquema da viagem, com as suas errâncias e anacronias, havia sido tomado como referência. De resto, nem é despropositado o aproveitamento d' *Os Lusíadas* num momento como o da composição deste poema, em que se assinalava a publicação da monumental edição da epopeia nacional, de 1817, feita em Paris, a custas do Morgado de Mateus<sup>21</sup>.

No que se refere a grande parte dos temas e tópicos tratados n' *O Balão aos Habitantes da Lua*, podemos identificar, por conseguinte, um vasto manancial de aspectos, *topoi* e ideias que recolhe das leituras de Cyrano de Bergerac<sup>22</sup>. Nos dois livros apontados deste autor – na *História Cómica dos Estados e Impérios da Lua* e na *História Cómica dos Estados e Impérios do Sol*, portanto –, que reflectem, por sua vez, uma certa orientação de pensamento marcada pelo materialismo filosófico, visa-se a modelação de uma atmosfera já consentânea com os ditames da ficção científica, descrevendo-se jornadas fantásticas à Lua e ao Sol, em que os métodos do voo previstos são marcadamente inventivos para a mentalidade do tempo. Na primeira, Cyrano viaja recorrendo a foguetes munidos de fogo-de-artifício e chega ao contacto com os habitantes da Lua, estranhos seres com quatro pernas, vozes musicais e manguei-

<sup>20</sup> *Paródia ao primeiro Canto dos Lusíadas de Camões* (1589), Lisboa, na Typographia de G. M. Martins, 1880.

<sup>21</sup> LUÍS DE CAMÕES, *Os Lusíadas: poema épico*. Por JOSÉ MARIA DE SOUSA BOTELHO MOURÃO e VASCONCELLOS, MORGADO DE MATEUS, Paris, Officina typographica de F. Didot, 1817.

<sup>22</sup> Hector Savinien de Cyrano de Bergerac nasceu em Paris, em 1619 e faleceu em Sannois, em 1655. Notável escritor do seu tempo, bem como aventureiro, notabilizando-se como espadachim e participante em duelos, tornou-se particularmente conhecido pelas obras de ficção que têm sido compostas sobre a sua vida, especialmente pela de Edmond Rostand, em cuja peça é retratado com um traço acentuado, o de um nariz alongado. Interrompe a sua carreira militar logo aos 22 anos de idade e dedica-se à composição das obras mais representativas de sua lavra: a peça *A Morte de Agripina* e os dois livros que lhe deram mais notabilidade, *Histoire comique des Estats et empires de la Lune* (1657) e *Histoire comique des Estats et empires du Soleil* (1662), redigidos entre 1642 e 1655. Estes dois títulos inspiraram várias obras posteriores, tais como *Micromegas*, de Voltaire, e as *Viagens de Gulliver*, de Jonathan Swift.

ras como braços. Tais relatos constroem-se com base na sátira dos costumes e da situação política da época do autor. No segundo livro, aterra no Sol e esforça-se por elaborar uma teoria, através da qual se explicam as razões por que aí o calor não queima quem por lá anda. Encontra, não por acaso, Tommaso Campanella, e desenvolve, em sucessivos episódios, questões que mais ilustram os esquemas mentais do seu tempo e temas de teor filosófico afins, visando-se a sátira do nosso mundo. Abre-se espaço, deste modo engenhoso, para que estas obras se insiram na linha de títulos como a *Cidade do Sol*, a *Nova Atlântida* (1627), de Francis Bacon, e o *Somnium* (1643), de Johannes Kepler, como aponta Maria Luísa Malato<sup>23</sup>. Em suma, abre-se a porta à utopia...

O encontro com Tommaso Campanella fornece, portanto, a chave para que as viagens de Cyrano de Bergerac, à Lua e ao Sol, adquiram uma dimensão simbólica mais profunda, escapando aos contornos dos relatos de viagens fantásticas. Por sua vez, *O Balão aos Habitantes da Lua*, ao apropriar-se dos mesmos esquemas e assuntos, assume igualmente idêntico propósito, remetendo o conteúdo do poema para a dimensão da utopia.

Inserindo-se, assim, na esteira de um subgênero literário com larga tradição, muito embora renascido com novo fulgor graças à acção dos humanistas, logo se articula também com a linha das *laudes urbium*, ou

---

<sup>23</sup> A este fim, refere MARIA LUÍSA MALATO BORRALHO na p. 8 do texto intitulado “De Cabeça na Lua”, composição que insere como introdução ao poema na edição consultada (José Daniel Rodrigues da Costa, *O Balão aos Habitantes da Lua: Uma Utopia Portuguesa*, Porto, Faculdade de Letras da Universidade, 2006, p. 7-11): “A Lua é a Terra. Ao longo do século XVII, generaliza-se o sistema de Copérnico. Em 1600, Giordano Bruno é queimado vivo pela heresia. Em 1634, *Somnium* faz a descrição da Lua e das órbitas planetárias a partir de uma ficção: o sonho de um discípulo de T. Brahe. Em 1638, Francis Godwin publica *O Homem na Lua, ou a Viagem Quimérica ao mundo da Lua, recém-descoberto por Domingo Gonzalez, aventureiro espanhol*. Publica-se, em 1657, a *História Cômica dos Estados e Impérios* de Bergerac, cerca de trinta anos antes da publicação dos *Entretiens sur la pluralité des mondes* (1686), de Fontenelle. Sendo esta última uma obra de divulgação científica (lida como tal até ao século XIX), logo, no segundo diálogo da obra, se instruía a Marquesa de G\*\*\* de que a Lua seria habitada. Em 1684, as gazetas de Paris referem o estrondoso êxito de *Arlequim, Imperador na Lua*, representado por cômicos italianos. Por vias muito diversas, todas estas obras difundem o sistema copérnico mas, ao imaginar a Lua habitada, sublinham a paridade dos seres e das culturas”.

elogio das cidades, inserida no género epidíctico<sup>24</sup>. A utopia assume, de imediato, uma importância determinante no contexto das letras renascentistas, por nela se cruzarem outros vectores que a distinguem e enriquecem perante a restante produção literária do período. Não se centrando exclusivamente na realidade observada, a cidade é aí repensada; projecta-se no campo da fantasia, abrindo espaço à representação de aspectos que permitiriam a concepção e planeamento de uma cidade ideal. Neste sentido, *A Cidade do Sol* é como que a resposta do pensador às instâncias e exigências histórico-políticas e sociais da sua própria época, como *O Balão aos habitantes da Lua* é para o seu tempo. Todavia, a aproximação proposta por Campanella à tradição literária dos elogios de cidades justifica-se pelo facto de seguir na generalidade a estrutura, os temas e os tópicos que conformam tal modelo.<sup>25</sup>

Com a divulgação de modelos literários de cidades e estados exemplares, como a *República*, de Platão, a ideia da cidade-estado é vista como o grau de desenvolvimento mais perfeito da realidade. Por outro lado, o engrandecimento da urbe mediante a construção de edifícios grandiosos torna-se motivo de orgulho não só para o cidadão, como para as respectivas instituições.

Os grandes artistas são, então, encarregados do traçado das novas cidades e estabelece-se, deste modo, uma estreita ligação entre as artes, particularmente a arquitectura, e a política. Delineiam-se cidades ideais, como Sforzinda, projectada por Filarete, que obedecem a critérios de dignidade, ordem, higiene, funcionalidade e beleza, como Leonardo da Vinci propõe. Trata-se, assim, da construção de um cosmos em que o

<sup>24</sup> Sobre esta matéria, veja-se AIRES A. NASCIMENTO, “Apresentação”, p. 57-58 e 60-61, a DAMIÃO DE GÓIS, *Elogio da Cidade de Lisboa. Urbis Olisiponis Descriptio*, Lisboa, Guimarães Editores, 2002, p. 43-72; Walz, *Rhetores Graeci*, IX, 127-330; Spengel, *Rhetores Graeci*, III, 331-446; Theodore C. Burgess, “Epidictic Literature”, in: *Studies in classical Philology*, Chicago, III, 1902, p. 89-148; J. K. Hyde, “Medieval Descriptions of Cities”, in: *Bulletin of the John Rylands Library*, 48, 1966, p. 308-340; Gina Fasoli, “La coscienza civica delle ‘Laudes civitatum’”, in: *La coscienza cittadina nei comuni italiani del Duecento*. Atti dell’ XI Convegno del Centro di Studi sulla spiritualità medievale, Todi, Academia Tudertina, 1972, p. 9-44.

<sup>25</sup> A este propósito consulte-se igualmente o nosso ensaio: MANUEL FERRO, “A celebração épica da cidade da fundação da cidade: *Vila Rica*, de Cláudio Manuel da Costa”, p. 201-208, in *Biblos*, Vol. IV (2.ª Série): *Cidade(s) e Cidadania*, Coimbra, Revista da Faculdade de Letras da Universidade, 2006, p. 201-233.

homem se insere harmoniosamente e para o qual contribui o concurso de todos os ramos do saber, numa verdadeira rede de interdisciplinaridade entre ciências, artes, poesia, moral e política<sup>26</sup>.

Não admira que seja neste contexto que as utopias floresçam. Thomas More<sup>27</sup> localiza, na altura, a cidade ideal numa ilha maravilhosa, superiormente planificada e com um nível e estilo de vida invejável para o europeu daquela época. Tal obra vem fazer desabrochar uma série de outras afins, entre as quais se contam *A Nova Atlântida*<sup>28</sup>, de Francis Bacon, e, depois, *A Cidade do Sol*, que recuperam, por sua vez também, o mito da Atlântida e se situam em ilhas mais ou menos paradisíacas. Aí crescem cidades exemplares e civilizações modelares, quer devido ao isolamento que o espaço insular permite, quer simultaneamente pelo facto de as ilhas serem simultaneamente pontos de abrigo, contacto e intercâmbio de culturas.

Por esse motivo, e devido à ocorrência de obras que tiram partido dos aspectos enumerados, compreende-se que este tipo de composições proporcione as características ideais para os estudos que privilegiam a poética do espaço, dedicando particular atenção ao ambiente insular e à planificação do reticulado urbano da geografia literária do Ocidente. De Gaston Bachelard<sup>29</sup> a Otto Friedrich Bollnow<sup>30</sup>, ou ainda lembrando os ensinamentos de Herman Meyer<sup>31</sup>, Michel Ragon<sup>32</sup> ou Jean Weisgerber<sup>33</sup>, de forma mais ou menos explícita, mais ou menos alargada, todos eles abordam a importância e o significado desses lugares, apreciando

---

<sup>26</sup> Cf. EUGENIO GARIN, *Renascimento. História de uma revolução cultural*, Porto, Telos, 1980, p. 175-186.

<sup>27</sup> THOMAS MORE, *De optimu reipublicae statu deque nova insula Utopia libellus vere aureus*, Louvain, Arte Theodorici Martin, 1516.

<sup>28</sup> FRANCIS BACON, *Sylva sylvarum: or a Naturall Historie. In ten centuries... [The New Atlantis]*, London, J. H. [John Haviland], for William Lee, 1627.

<sup>29</sup> GASTON BACHELARD, *La Poétique de l'Espace*, Paris, Presses Universitaires de France, 1974 (1.<sup>a</sup> ed.: 1957).

<sup>30</sup> OTTO FRIEDRICH BOLLNOW, *Mensch und Raum*, Stuttgart/Berlin/Köln/Mainz, Verlag W. Kohlhammer, <sup>5</sup>1984 (1.<sup>a</sup> ed.: 1963).

<sup>31</sup> HERMAN MEYER, "Raumgestaltung und Raumsymbolik in der Erzählkunst", in: *Studium Generale*, X, Heft 10, 1957, p. 620-630.

<sup>32</sup> MICHEL RAGON, *L'Homme et les Villes*, Paris, Berger-Levrault, 1985 (1.<sup>a</sup> ed.: Paris, Éditions Albin Michel, 1975).

<sup>33</sup> JEAN WEISGERBER, *L'espace romanescque*, Lausanne, Éditions L'Age d'Homme, 1978.

a sua configuração, o seu sentido e valia para a construção da diegese, ou ainda o seu valor simbólico, permitindo o salto para o devaneio, a fantasia, em suma, para o sonho<sup>34</sup>.

A utopia impõe-se, então, por contestar igualmente o presente; da crítica social passa à invenção; fundamenta-se numa sociedade em que a imaginação ocupa o poder e confia na natureza humana, valorizando a sua capacidade de organização. Racionalista, planifica e reforma a cidade, que reproduz por sua vez a ordem natural do universo. Ao prever a educação de cada cidadão, liberta-o ao mesmo tempo da infelicidade que o poderá assolar no quotidiano, porventura causada pela propriedade privada.

Logo ao primeiro contacto, *O Balão aos Habitantes da Lua* desperta, nas lucubrações do leitor, associações várias, como à *Cidade do Sol*, pelas razões antes apontadas, mas agora, em vez do astro-rei, opõe-lhe José Daniel Rodrigues da Costa o planeta gémeo da Terra, colocando ambos em contraponto, e simultaneamente em paralelo, por se reflectirem um no outro do modo antagónico. Por outro lado, é de considerar que, ao longo dos séculos, sempre o homem se indagou sobre a

<sup>34</sup> Naturalmente que outros críticos e teorizadores de diferentes escolas e perspectivas dedicaram particular atenção ao estudo do espaço literário, embora centrando-se em determinadas formas e géneros literários e valorizando a sua importância, conforme os casos estudados. Entre esses casos, refiram-se M. Bakhtin, “Zeit und Raum im Roman”, in: *Kunst und Literatur*, 22, 1974, p. 1161 – 1191; Roland Bourneuf e Réal Ouellet, “O Espaço”, in: Roland Bourneuf e Réal Ouellet, *O Universo do Romance*, Coimbra, Livraria Almedina, 1976, p. 130-168; Volker Klotz, *Geschlossene und Offene Form im Drama*, München, Carl Hanser Verlag, <sup>10</sup>1980 (1.ª ed.: 1969), p. 45-59 e 120-136; Iouri Lotman, “Le problème de l’espace artistique”, in: Iouri Lotman, *La structure du texte artistique*, Paris, Éditions Gallimard, 1973; J. M. Lotman, “On the metalanguage of a typological description of culture”, in: *Semiotica*, 14: 2, 1975, p. 97-123; Jurij M. Lotman e Simonetta Salvestroni, “Il Viaggio di Ulisse nella ‘Divina Commedia’ di Dante”, in: Jurij M. Lotman, *Testo e Contesto. Semiotica dell’arte e della cultura*, Roma/Bari, Laterza, 1980, p. 81-102; Georges Matoré, “L’espace littéraire”, in: Georges Matoré, *L’espace humain*, Paris, Paris, Librairie A. G. Nizet, <sup>2</sup>1976, p. 205-235; Manfred Pfister, “Raum- und Zeitstruktur”, in: Manfred Pfister, *Das Drama*, München, Wilhelm Fink Verlag, <sup>4</sup>1984 (1.ª ed.: 1982), p. 327-381. No recente *Dicionário de Lugares Imaginários*, de Alberto Manguel e Gianni Guadalupi (Lisboa, Tinta-da-China, 2013), onde se perfilam os espaços mais fantasiosos, produto da criatividade e do labor literário, curiosamente, porém, nenhum verbete é dedicado à Lua

possibilidade de vida no universo, recusando o estatuto de isolamento cósmico e, se essas formas de vida existem, então o sonho facultaria a possibilidade de serem sempre mais perfeitas e avançadas, a ponto de nos servirem de modelos. Além do mais, não esqueçamos ainda uma outra vertente mais lírica: a lua era o astro da sintonia do pulsar poético por excelência da época, da confidencialidade do poeta, a iluminar as noites em que o ‘eu’ se diluía no universo que o cercava. Aqui, neste poema herói-cômico, o sonho é o da outra faceta que o fim do século XVIII e, depois, o romantismo igualmente retomou e moldou: o da construção de uma sociedade mais justa, equilibrada e funcional.

Superando os limites conhecidos, *O Balão aos Habitantes da Lua* vai, pois, mais longe e, apoiando-se na sugestão de Cyrano de Bergerac, rasga os horizontes do conhecido sobre o satélite da Terra. A fantasia permite até que aí se possa igualmente encontrar uma sociedade racionalmente organizada, integrada numa cidade perfeita, que assim passa a ser apresentada, e cuja orgânica em tudo se revela oposta ao de qualquer cidade terrena, muito particularmente das mais conhecidas do poeta, em Portugal, nada invalidando, ainda assim, que oportunamente seja levado a exaltar os portugueses<sup>35</sup>.

O prólogo sugere que o poema é tão ‘aéreo’ quanto a viagem que lhe serve de motivo; pelo facto, procura-se captar a benevolência do lei-

---

<sup>35</sup> Sintetizando os aspectos fulcrais do poema, assim o caracteriza MARIA LUÍSA MALATO BORRALHO (*op. cit.*, p. 11): “Reencontram-se aqui muitos dos tópicos das viagens à Lua: a inconsistência e tolice do narrador, a visão panóptica do balão, antepassado do *Big brother*, garantia de segurança social, ou a fisionomia dos “Lulanos”, semelhante à dos Lisboetas. Com é também evidente a tópica da Utopia. A História foi abolida já que a perfeição é eterna: as leis não mudam, tal como os vestidos das mulheres. E se toda a mudança é inútil, todo o excesso é punido. O trabalho, o fato e o enterro a todos unem por igual. Em paz com o exterior, a Utopia não elimina a violência interna (o pai que bate no filho, o exílio na Ilha dos Fracos, a fatal tristeza dos velhos, a pena de morte para os assassinos e outras penas de Talião). O estado perfeito é um estado fechado. Não se importam tecidos ou permitem estrangeirismos: a pureza vai das Pragmáticas às Gramáticas. Nesta curiosa utopia-paródia, a ironia tem, à semelhança da *Utopia* de Morus, um lugar de destaque. Também Robertson se despede dos Lulanos, proclamando a perfeição dos portugueses (e afinal, dos leitores): “Os lusos sem causa nunca brigam/Sabem só defender-se se os obrigam./É gente muito humana e de bom porte”. Desengana-se, afinal, quem via Lisboa na cidade da Lua. No final, entre as duas, o narrador escolhe a Lua”.

tor, já antes manifestada pela fidelidade no que ao interesse e à compra de outras obras do autor diz respeito. A seu favor, invoca-se a quantidade de descobertas e proezas científicas da época, pelo que a viagem de balão se tornara um apelativo, permitindo ao homem a realização de sonhar com o voo, de subir nos ares e praticar a proeza das aves. Por isso conclui:

“O meu herói deve na História,  
 Ir o seu nome ao Templo da Memória:  
 Confessar lhe devemos a destreza,  
 O grande arrojo, a impávida afouteza;  
 E o seu merecimento abalizado  
 Seja ao Globo em meus versos decantado.”<sup>36</sup>

Recorrendo a recursos usados vezes sem conta nas epopeias do barroco, o herói, pelos actos praticados permanece para as gerações vindouras representado por um simulacro no Templo da Memória. Para melhor esclarecer o seu pensamento, entre o prólogo e o poema em si, introduz-se um “Argumento”, segundo os modelos épicos mais acabados, que de imediato encerra a súpula de todo o enredo:

“ Matemáticos pontos combinando,  
 Tendo por base a grande Astronomia,  
 Um Génio, que não tem nada de brando,  
 Projecta ir ver o Sol, fonte do dia:  
 Em pejado Balão vai farejando,  
 Subindo mais e mais como devia;  
 Divisa a Lua, mete-se por ela,  
 Pasma de imensas cousas que viu nela.”<sup>37</sup>

316

Depois da exaltação das ciências que permite a realização dos actos heróicos efectuados aqui a exaltar, o poema inicia-se com a proposição, de acordo com os códigos mais canónicos do poema épico, em que se enaltece o herói e as proezas praticadas, se bem delineadas desde logo

<sup>36</sup> JOSÉ DANIEL RODRIGUES DA COSTA, *O balão aos habitantes da Lua*, loc. cit., p. [20].

<sup>37</sup> *Idem*, *ibidem*, p. [21].

com traços do jocoso, com o fim expresso de preparar o leitor para o desenvolvimento da acção:

“1. Eu canto o herói que voa sem asas,  
Nas altas regiões de frio e fogo,  
Que no corpo da Lua encontrou casas  
Que não eram de pasto nem de jogo;  
Que viu montes de gelo, outros de brasas,  
Que indo buscar nas nuvens desafogo,  
As dúvidas tirou à gente perra,  
Que teima em que na Lua não há terra.”<sup>38</sup>

Apesar de só identificar o protagonista na quinta estância, poderá parecer estranho, ou até surpreendente, ao leitor dos dias de hoje que ele seja Robertson. Tratando-se do nome artístico de Étienne-Gaspard Robert (1763-1837), famoso ilusionista, mágico físico e balonista belga da época, notabilizou-se por se tornar um pioneiro no campo da aviação. Projectou a construção de vários balões em diferentes países, levando a cabo dois voos em balões de hidrogénio, na cidade de Hamburgo, onde alcançou recordes de altitudes, para a época, e um terceiro em São Petersburgo, todos eles considerados como científicos por ele mesmo. Múltiplas foram as experiências realizadas nesses voos, mas nenhum lhe mereceu tanta popularidade como o que teve lugar em Copenhaga, no Castelo de Rosenborg, perante uma multidão assombrada e a família real, a ponto de merecer uma série de poemas compostos por Hans Christian Ørsted, notável físico dinamarquês da altura. Pelo facto, tornou-se objecto de tratamento jornalístico nas gazetas e na imprensa da época, que então divulgam as suas proezas. A esse fascínio, não escapa José Daniel Rodrigues da Costa, que dele faz o herói da obra.

Na segunda estância introduz-se a invocação, que se alarga à terceira estrofe. Justificando a opção, não de Neptuno, que impera sobre os mares, procura outra entidade que se adeque mais ao assunto tratado. Logo Mercúrio se afigura o mais indicado pela possibilidade de voar.

---

<sup>38</sup> *Idem, ibidem*, p. [22].



3. “A ti, Mercúrio, invoco desta vez!  
 Porque és um Deus que tens pés e cabeça,  
 Com asas da cabeça até aos pés,  
 É bem que só a ti socorro peça;  
 Bem haja quem te armou e quem te fez,  
 Para seres o auxílio desta Peça!  
 Empenha quanto tens, Jovem sisudo,  
 Galero, caduceu, talaes, tudo.”<sup>39</sup>

Depois da dedicatória aos Lunáticos (da Terra), habituados ao teor das suas composições, tem início a narração, *in medias res*, já perto do momento da chegada à Lua. A surpresa do herói perante tudo quanto lhe é permitido observar acaba por ser dada de modo bastante sumário:

- “5. Num bote, que de verga foi tecido,  
 Preso a um globo de gás inchado e cheio,  
 Sobe aos ares Robertson destemido,  
 Até que rompeu as nuvens pelo meio:  
 Girou no imenso espaço prevenido,  
 Sem conservar de queda algum receio;  
 Entrou na Lua (não é caso novo),  
 Mas pasmou vendo terra e tanto povo.”<sup>40</sup>

Em contraponto, explora-se com mais detalhe a curiosidade dos Lulanos perante a engenhosa máquina que ali o havia levado, deslocando-se depois a atenção para a figura do curioso viajante que acabava de chegar e logo se vira cercado de tanta gente. A estranheza de tudo leva, de imediato, Robertson a questioná-los sobre os costumes, leis e modo de governação. A fim de conferir um tom camoniano ao discurso e acentuar o paralelismo com o enredo da viagem do Gama, o poeta apropria-se a par e passo de versos d’*Os Lusíadas*, umas vezes respeitando o original, outras vezes, subvertendo-os de acordo com o conteúdo e o contexto em que se inserem<sup>41</sup>. O certo é que o protagonista

<sup>39</sup> *Idem, ibidem*, p. [22].

<sup>40</sup> *Idem, ibidem*, p. [23].

<sup>41</sup> Na generalidade, trata-se de versos d’ *Os Lusíadas* que são, de imediato, identificados pelo leitor, sem que contribuam de forma determinante com novos sentidos para o novo contexto em que são inseridos:

logo começa a ser esclarecido, ouvindo os receios perante os potenciais perigos que esta viagem poderá vir a proporcionar, com a possibilidade de um forte afluxo de novos visitantes:

“9. [...] Mas disse um: isto é contra a natureza  
Deste modo não há sítios vedados!  
No seu mundo lançaram fome e peste,  
Agora vêm de lá estragar este!”<sup>42</sup>

Por conseguinte, circulando depois pelas redondezas, tem oportunidade de apreciar as características fisionômicas dos Lulanos, algo caricaturais, adequadas ao espírito jocosos com que o autor os vê e apresenta.

“12. Conta que vira os homens barrigudos,  
Todos de cara chata e carapinha;  
Narizes, quais batatas, façanhudos,  
A boca mais ou menos como a minha;  
Os dentes muito claros e miúdos,  
Cada orelha do vulto de uma pinha,  
A barba até ao peito, e a cor do rosto  
Semelhante à da Lua em mês de Agosto.

13. Que têm curto o pescoço e grandes braços,  
Que cada perna é uma meia-lua;  
Que todos movem vagarosos passos,  
Ou seja dentro em casa ou pela rua;

---

*O Balão aos Habitantes da Lua*

“Um pouco a luz perdeu, como enfiado”  
(I, 6, 8)

“Que costumes, que Lei, que Rei teria”  
(I, 8, 8)

“Por ares poucas vezes navegados” (I, 9, 4)

“Esquecem Persas, Gregos e Romanos”  
(I, 79, 8)

“Que a tanto o engenho humano não se  
estende” (I, 80, 8)

*Os Lusíadas*

“Um pouco a luz perdeu, como *infiado*”  
(I, 38, 8)

“Que costumes, que Lei, que Rei teriam”  
(I, 45, 8)

“Por mares nunca de antes navegados” (I, 1, 3)

“Esquecerem-se Gregos e Romanos” (II, 44, 6)

“Que a tanto o engenho humano não se estende”  
(IX, 80, 8)

<sup>42</sup> José Daniel Rodrigues da Costa, *O balão aos habitantes da Lua*, loc. cit., p. [25].

Que são de palanfrórios muito escassos,  
Que o tratarem verdade é glória sua;  
Que muitos são corcundas pelas costas,  
Que a tudo sabem dar subtis respostas.”<sup>43</sup>

Um porte mais grave assume quando começa a falar da roupa que usam, fazendo o leitor associar tais princípios aos que são enunciados na *Cidade do Sol*:

“14. Que o pano de que trajam é tecido  
Nos teares que têm, em que trabalham,  
Em que o aleijado e o cego é entretido,  
Que deste modo muito vício atalham;  
Que domina uma forma de vestido;  
Por isso luxo e moda ali não calham;  
Que ali de mês a mês tudo melhora,  
Que não se admite lá nada de fora.”<sup>44</sup>

Mais adiante, retoma o mesmo assunto, de forma mais circunstanciada, nas estâncias 57 e seguintes, em que se analisam os motivos, bem como as consequências sociais, que justificam a premência pela qual a moda não varia em cada dia:

“57. Que marido, que pai, que avô, que tio  
Sofreria às Senhoras duma casa:  
Quero um xaile de lã, que é para o frio;  
Traga-me para a calma um leque de asa,  
Um chapéu de aba grande e bom feito;  
Tudo modas que põem a bolsa à rasa:  
Num mês saia o vestido duma norma,  
Noutro mês outro novo e outra forma.

58. Que motim não seria, que balela,  
Ver nesta gente honesta e recatada,

---

<sup>43</sup> *Idem, ibidem*, p. [26].

<sup>44</sup> *Idem, ibidem*, p. [28].

Uma de peitos nus postos à vela,  
Outra em folhos de bicos afogada,  
Uma com a cabeça mui singela,  
Outra de pedrarias carregada,  
Muitas em peles de ursos envolvidas  
E algumas meias nuas e vestidas.

59. Não se toleram cá em mudanças!  
Decência e asseio andam só em vistas,  
Luxo não se usa aqui nem nas crianças,  
Não temos contrabandos nem modistas;  
Não há peraltice nem lembranças,  
Não temos tentadores capelistas,  
Não tem nosso dinheiro consumido  
A pedraria falsa, ouro fingido.
60. Fazendas neste Reino fabricadas  
São o que as Damas nos enfeites gastam;  
Com elas aparecem preparadas  
E desta economia não se afastam;  
Aqui também há cousas delicadas:  
Deste modo é que os povos não se arrastam!  
Agricultura, fábricas e braços  
São da riqueza os mais seguros laços.”<sup>45</sup>

Perante a austeridade apontada, a oportunidade é, de imediato, aproveitada para se introduzir um dos temas mais frequentes nas utopias, referente aos códigos morais e éticos, bem como aos valores respeitadas. Pelo facto, nem os factores que mais poderão pôr em perigo o apreço por uma conduta mais severa deixam de ser tratados. Como tal, é o uso do dinheiro e o interesse local pelo teatro que despertam a curiosidade do visitante:

“16. Diz mais o nosso Herói que entre este povo  
Há dinheiro metal, papel moeda,

---

<sup>45</sup> *Idem, ibidem*, p. [45]-[46].

Mas que não sai dali (o que eu lhe louvo);  
Toda e qualquer usura ali se veda;  
Que ali gira o metal, ou velho ou novo;  
Tudo o que é ambição dali se arreda:  
Que a praga dos rebates lá não grassa,  
Que o que se deu por dez, por dez se passa.

17. Que têm Teatro bom, onde apresentam  
Obras dos bons costumes que praticam;  
Que se algumas jocosas representam,  
Nelas sempre à decência se dedicam;  
Que de as ouvir famílias se contentam,  
Velhos e moços satisfeitos ficam:  
Equívocos não têm, onde a maldade  
Descubra ainda a mais leve obscenidade.”<sup>46</sup>

O uso, e não abuso, por conseguinte, parcimonioso, que se faz da linguagem conduz à abordagem de questões de sociabilidade, particularmente entre o sexo feminino, cuja conduta era marcada pela afabilidade, mas também pela seriedade, dignidade e respeito:

“19. Relata o nosso Herói que também vira  
As Madamas dali muito formosas;  
Que falara com elas e que rira,  
Que são ternas, afáveis e amorosas,  
E que delas bom fruto nunca tira  
Quem as busca com farsas enganosas:  
Não sabem namorar sem fundamento,  
Há-de ser dito e feito, o casamento.

20. Que nos adros, Igrejas, nas esquinas,  
Não se avistam tafuis postos de empada,  
Insultando com ditos as meninas,  
Costume só de gente malcriada,  
Donde nascer podiam mil ruínas,

---

<sup>46</sup> *Idem, ibidem*, p. [28]-[29].

Se lá pegasse moda tão danada;  
Que ali é tudo sério e desengano:  
Distingue-se o divino do profano.

21. Que se educa mui bem a mocidade:  
São todas as donzelas instruídas,  
Têm asseio, modéstia, honestidade,  
Que são graves, prendadas, comedidas;  
Que têm a seus Maiores humildade,  
Gastam o tempo em ler, não em Partidas:  
Sujeição, honra e brio em todas brilha,  
A Mãe sabe que é Mãe, a Filha Filha.”<sup>47</sup>

Mudando a linha do discurso, recorda-se a visita de outro aeronauta de tempos passados a bordo de uma passarola, porventura o P.<sup>e</sup> Bartolomeu de Gusmão, fazendo-se a respectiva caracterização, em termos jocosos, e referindo-se o modo como ele havia descrito como o seu mundo – a Terra – funcionava, se organizava e como nela se vivia. Ao colocar pela primeira vez ambos os mundos em contraponto, fora aquele o primeiro informante dos Lulanos sobre a vida na Terra e seus habitantes. Assim se orienta a exposição para o estilo de vida na Lua e começa por se apontar um dos aspectos acaso disfóricos de toda a obra: quanto a velhice é vista com tristeza, pela falta de expectativas que essa idade implica! O mesmo não se passa, contudo, com as ocupações dos tempos livres das senhoras, que se entregam a leituras edificantes e respeitam o cumprimento rigoroso das refeições principais. Ao mesmo tempo, criticam-se as ocupações dos terráqueos, mais deleitados com futilidades e petiscos, chás e bebidas alcoólicas. Seguindo uma dieta rigorosa, a juventude da Lua é saudável e, apesar de tudo, a velhice dispensa o acompanhamento do médico e do boticário:

- “26. Diz que vira uma sala de Senhoras,  
Todas a conversar e bem falantes,  
As quais passavam nisto horas e horas,  
Sem as valsas nem jogos de tunantes;

---

<sup>47</sup> *Idem, ibidem*, p. [29]-[30].

Que não eram por vício faladores,  
Que algumas liam livros interessantes,  
E que as noites ali assim passavam,  
Sem que tomassem chá, mas que ceavam.

27. Que uma Dona de casa lhe dissera,  
Estranhando ele muito o tal costume:  
Aqui fora das horas não se espera  
Que se ponham fatias e água ao lume;  
Boa saúde sobre nós impera,  
Sem cólicas, crueza ou azedume;  
Janta-se, ceia-se, e isto quanto baste,  
Sem precisão de chá que nos desgaste.
28. De folhas de erva seca, encaixotadas,  
De cafés, de cervejas, de licores,  
E de outras esquisitas trapalhadas  
Não se querem aqui contratadores;  
Raparigas não há entisicadas,  
Não temos reumatismos nem tupores,  
É salubre o comer e não mesquinho,  
Bebe-se ou água fresca ou puro vinho.
29. Aqui são cozinheiros proibidos  
Que de tudo o que encontram fazem molhos;  
Por isso aqui há velhos bem nutridos,  
Sem catarrais e sem moléstias de olhos;  
Aqui os Boticários são falidos:  
Debalde põem ao Sol ervas em molhos;  
As purgas, vomitórios, lambedores,  
São só para crianças que têm dores.”<sup>48</sup>

Banida a coscuvilhice, impõe-se um ritmo de austeridade, em que o trabalho e o sério estudo conferem uma sólida formação e uma boa reputação aos Lulanos, dispensando assim vícios como o do tabaco,

---

<sup>48</sup> *Idem, ibidem*, p. [32]-[33].

que o viajante estranha não ver ali cultivado pelas gerações mais novas. Numa sociedade tão respeitadora de princípios morais, começa o autor a manifestar desejo de ali permanecer:

“34. O nosso Herói, à vista do que ouvia,  
Diz que tão confundido ali se achava  
Que mil vezes consigo então dizia:  
Ah, que se eu fora só, aqui ficava!  
Se o fizesse, desculpa merecia,  
Pois tudo com a razão se lhe ajustava;  
Mas a outros lugares partiu presto,  
Cobiçoso de ver ainda o resto.”<sup>49</sup>

Mas depressa tal ideia de desvanece do discurso poético, conduzido pela curiosidade de melhor conhecer outros aspectos da vida dos Lulanos. Questionando um interlocutor ocasional sobre as chagas sociais existentes nas nações terrenas, fica surpreendido como ali não havia desamparados, nem aristocratas a viverem a custas alheias, nem estrangeiros que pudessem contaminar a sociedade com problemas provenientes de fora. Aliás, esse tipo de protecção contra o estrangeiro é uma vez mais inspirado em Campanella, em que sobretudo os velhos olham com suspeição toda e qualquer influência externa, responsável por consequências nefastas, para que a cidade não seja corrompida pelos maus costumes transmitidos pelos servos e estrangeiros<sup>50</sup>:

“37. Aqui não há ninguém desamparado.  
Respondeu um daquela comitiva:  
Tudo na idade própria é empregado,  
Para depois haver de que se viva!  
A mulher pobre, o cego e o aleijado  
Tudo trabalha e com diferente lida;  
Que entre aqui Estrangeiro se consente,  
Mas há-de trazer fundo que o sustente.

---

<sup>49</sup> *Idem, ibidem*, p. [35].

<sup>50</sup> TOMMASO CAMPANELLA, *La Città del Sole*, *loc. cit.*, 58.



38. Não temos cá ninguém desconhecido,  
Sabemos dos que estão e dos que vêm:  
E se algum quer viver como escondido,  
Triste de quem o esconde ou quem o tem!  
Cavalheiro de indústria é proibido  
Viver aqui, que em nada nos convém,  
Que homem afidalgado, esperto e pobre,  
Só à custa dos outros se faz nobre.”<sup>51</sup>

Não advogando uma sociedade igualitária, nem com indícios de uma vivência comunitária, como na *Cidade do Sol*, a caridade e a piedade, consentâneos com uma vivência imediata de catolicismo, são os meios encontrados para auxiliar os que tudo haviam perdido ou os que nada têm. Assim, evitam-se de modo radical os ladrões, que são severamente castigados, se ousam algum delito cometer:

“40. Aqui não há ladrões! Se um aparece  
É logo e sem demora castigado;  
Tenha empenhos ou não, ele padece,  
Sofrendo o que na Lei lhe é destinado:  
Sendo pronto o castigo, não esquece  
O delito que fora perpetrado!  
Anda-se aqui de noite a toda a hora  
Sem medo de que vão as tripas fora.”<sup>52</sup>

Do mesmo modo, o castigo do homicídio com a morte se consuma. Pelo facto, exalta-se o bom governo da cidade, que sobre todos e tudo zela, as leis seguidas, respeitadas e aplicadas, mas que, numa sociedade a funcionar em pleno e perfeita na sua orgânica, se preocupa com mais acuidade com a política de controlo alimentar, privilegiando a qualidade dos alimentos:

“42. Temos quem nos governe com respeito,  
Com justas Leis que sobre nós imperam;

---

<sup>51</sup> JOSÉ DANIEL RODRIGUES DA COSTA, *O balão aos habitantes da Lua*, loc. cit., p. [37].

<sup>52</sup> *Idem*, *ibidem*, p. [38].

Tudo quanto se manda é logo feito,  
Porque as Leis do país nunca se alteram.  
Este mundo é da Lua e mui perfeito,  
Onde os raios do Sol mais reverberam,  
E por nosso brasão, nos nossos planos,  
Chamam-se a estes Povos os Lulanos.

43. O nosso Herói, que ao longe descobria  
A Praça, que servia de Ribeira,  
Lhe perguntou se sempre se comia  
Peixe fresco da mão da vendedeira!  
Disseram-lhe que sim, porque há vigia  
Que manda o peixe podre à montureira;  
Que o dono sofre à força esta diferença:  
Mas que o Povo não compra uma doença.
44. Que nos açougues há igual revista,  
Nas tendas, padarias e nas frutas;  
Que estas, em sendo verdes, mesmo à vista  
De seus donos se pisam sem disputas.  
Ninguém com estas coisas se malquista,  
Que há para as regular certas minutas:  
Que assim a gente vive satisfeita,  
Porque quanto se compra se aproveita.”<sup>53</sup>

Sobre a vida cultural e seu fomento, o culto das letras, a preferência pela prosa ou pela poesia, as relações e intrigas entre poetas, depressa se esclarece que a poesia mais apreciada é a edificante, como seria de esperar, sublime por natureza, de exaltação pátria e dos grandes feitos, sem pôr em causa a reputação de quem quer que seja:

- “46. Responderam que ali não se fazia  
Sátira contra alguém: que se estudava  
Em apurar bastante a Poesia  
Pela arte e lição que ali se usava;

---

<sup>53</sup> *Idem, ibidem*, p. [39]-[40].

Que muita obra sublime se escrevia  
E a Pátria o seu Autor eternizava:  
Que só fazia à Pátria benefício  
Louvar grandes acções, cortar o vício.”<sup>54</sup>

Mas das letras da literatura, depressa se passa às letras de crédito, cuja prática ali também é usada, porque de modo algum a honestidade é questionada. Se as aldrabices de algum trapaceiro são descobertas, depressa o levam a ser degredado para a Ilha dos Fracos. Embora já antes se tivesse afirmado que o dinheiro podia ser uma chaga social, volta a abordar-se, então, a respectiva importância, que tanto vale quanto a palavra dada.

“50. Aqui tanto valor tem o dinheiro,  
Como tem a palavra proferida:  
Sobre aquele sinal, que é verdadeiro,  
A pessoa que o fez logo é servida!  
Não há nesta Região um caloteiro,  
Por isso nada falta para a vida:  
Em firmas, em fianças e fiados  
Não ficam uns por outros entalados.”<sup>55</sup>

Sem monopólios, sociedades, especuladores e burlados, não há motivos para que empresários misteriosos apareçam, enriquecidos de um dia para o outro, em condições de se imporem obscuramente na sociedade. Porém, distraído por outro episódio, abre-se aso ao tratamento da educação, com um episódio através do qual um pai desanca o filho, por este lhe faltar ao respeito – assunto em que os Lulanos consideram que o terráqueo não se deve imiscuir!

Outros rituais são de igual modo presenciados com a curiosidade de quem pretende detectar aspectos singulares, como os funerais, iguais para todos, sem pompas, nem ostentação, não se justificando luxos em mausoléus para repouso de pecadores. Os cemitérios são lugares verdejantes e aprazíveis, e não se reconhece a validade da existência

---

<sup>54</sup> *Idem, ibidem*, p. [41].

<sup>55</sup> *Idem, ibidem*, p. [43].

de heranças, nem se compreende a distinção em termos de assistência médica, que é paga graças ao rendimento de um sistema de lotaria, acabando com a assistência fundada na caridade de outros tempos e em planos atrabiliários de socorro, mais fundados no interesse de ficar com os bens que o enfermo possuía.

“69. Que depois que este fundo se erigiu  
Para enfermos e pobres, sem demora  
Aquela corja toda se extinguiu  
Que na rua gritava a toda a hora;  
Que já se calculou e já se viu  
Quanto nisto a pobreza se melhora,  
E que ali andam todos vigilantes  
Em providenciar seus semelhantes.

70. Que o homem que anda farto e tem de seu  
Não tira ao outro o pouco pão que tem;  
E o que o dever de honrado preencheu  
É quando mostra ser homem de bem;  
Que Deus esta lição ao mundo deu  
Nos preceitos que pôs e nos convêm:  
Que o homem que a Deus teme e tem moral  
Tem o próximo seu por seu igual.”<sup>56</sup>

Depois destas observações, esta sequência conclui-se com um símile, quase de homérica extracção, em que os homens se comparam às árvores, não só pelo modo como conduzem as suas vidas, como pela variedade que a natureza nelas projecta:

“71. Que às árvores os homens parecidos  
São: nascendo, ou crescendo, ou declinando,  
Nas Estações diferentes envolvidos,  
Bem como elas, viçosas ou secando;  
Que os cultores que são mais entendidos  
Viveiros fazem delas, reservando

---

<sup>56</sup> *Idem, ibidem*, p. [50].

As melhores que têm, para poderem  
Substituir às mais que se perderem.

72. Que de igual modo são ali guardados  
Homens bons, homens sábios, homens rectos,  
Viveiro donde são depois tirados  
Para muitos lugares circumspectos;  
Que nunca podem ser prejudicados,  
Pois tudo anda em poder de homens discretos;  
Que é o mérito só quem intercede  
Neste ou naquele emprego que alguém pede.”<sup>57</sup>

Pelo facto, a selecção para os diferentes cargos funda-se no mérito de cada um. Como consequência, não é de admirar que a justiça, por exemplo, funcione exemplarmente, sem atrasos, e a lei seja devidamente aplicada.

... E depois de tantos aspectos contemplados, apesar da perfeição e racionalidade observada na orgânica daquela sociedade, como, depois, no conto “A Perfeição”, de Eça de Queirós<sup>58</sup>, Eneias foge de Dido, seduzido pelo doce fascínio da imperfeição humana, do mesmo modo Robertson sente saudades de Lisboa e do povo português, pelo que é levado a dirigir o seu discurso de despedida aos Lulanos. Funcionando para todo o poema como uma espécie de conclusão, com a recapitulação dos principais aspectos focados, relembra ainda as partes constituintes do globo terrestre para enaltecimento dos portugueses, e agrega-lhe um epílogo algo patético, com um verso camoniano a colmatá-lo:

- “76. Oh, homens de razão! Oh, bela gente!  
Que assim vos regulais com tal justiça!  
De tanta rectidão e tão prudente  
Que de viver-se aqui causais cobiça!  
Oh, sempre vos ampare o Céu clemente,

---

<sup>57</sup> *Idem, ibidem*, p. [51]-[52].

<sup>58</sup> EÇA DE QUEIRÓS, “A Perfeição”, in: EÇA DE QUEIRÓS, *Contos*, Lisboa, Edição «Livros do Brasil», [2009], p. 225-244. Esta composição saiu pela primeira vez nas páginas da *Revista Moderna*, em Maio de 1897 e, juntamente com os restantes contos, integrou o volume assim singelamente intitulado, publicado em 1902.

Pois não sois para o bem gente remissa!  
O mundo donde venho está sabido  
Que é com o vosso muito parecido!

77. É ele dividido em quatro partes,  
Ásia, África, América e Europa:  
Da última sou eu, que é dada às Artes,  
E às Armas, com a mais valente tropa:  
Tantos Soldados são, tantos Martes,  
Nume que em guerra tudo em sague ensopa,  
Mas os Lusos, sem causa, nunca brigam,  
Sabem só defender-se, se os obrigam.
78. É gente muito humana e de bom porte,  
Dotada de uma grande fortaleza,  
Que nos perigos arrosta com a morte,  
Valor que já lhe vem por natureza.  
Religião e Pátria é o seu Norte;  
Têm ternura, carácter e firmeza:  
Antes morrerão Mártires, que neguem  
A pura e Santa Lei que têm e seguem.
79. E pois pretendo subir a novos ares,  
À Máquina me volto, adeus, bom povo;  
E direi, em me vendo nos meus lares,  
Que descobri aqui um Mundo novo:  
Direi que encontrei génios singulares,  
Direi nisto que vi, que muito louvo,  
Que, por Leis e costumes dos Lulanos,  
*Esquecem Persas, Gregos e Romanos.*<sup>59</sup>

Concluído o discurso e feitas as despedidas, a partida quase tem lugar, quando, para desfecho surpreendente do público leitor, o herói acaba por voltar atrás e opta por ficar numa sociedade cujas peculiari-

---

<sup>59</sup> JOSÉ DANIEL RODRIGUES DA COSTA, *O balão aos habitantes da Lua*, loc. cit., p. [53]-[55].

dades apenas julgava que existisse na dimensão do sonho e da fantasia, afinal, num mundo não contaminado:

“80. Fazendo o nosso Herói tal despedida,  
 Concorreu todo o povo a cortejá-lo;  
 Ele então, pondo a Máquina em partida,  
 Disse adeus e voou sem intervalo;  
 Tenta levar avante esta subida,  
 Mas sente dentro em si um certo abalo  
 E, descendo, desiste do que empreende,  
*Que a tanto o engenho humano não se estende.*”<sup>60</sup>

Assim, se, por um lado, *O Balão aos Habitantes da Lua* se assume como uma utopia e insere-se na tradição literária que o género recupera com a valorização das conquistas científicas no campo da aeronáutica; por outro lado, é a resposta, sem dúvida jocosa, a uma realidade que a época reflectia, marcada por um conflito entre a ala absolutista e a corrente liberal, que procurava abrir caminho para a construção de uma sociedade mais progressista, mais justa e mais livre. A tensão social e política grassava; em breve a guerra civil havia de deflagrar. Procura-se na ficção científica a evasão e o reencontro com um outro tipo de arcádia que havia inspirado José Daniel Rodrigues da Costa nos tempos de juventude. Deste confuso ambiente em ebulição, das intuições e propostas apontadas, emerge, como acontece aliás com a generalidade das utopias, um anseio de legalidade, justiça e estabilidade na visão da cidade e do Estado, muito embora ainda enquanto fundamento teórico, que permite uma abordagem crítica à violência, bem como a denúncia das instituições sociais e políticas desadequadas da realidade.

Projectada na superfície da Lua, ali procura o poeta encontrar reflectida em contraponto, a imagem de Lisboa, da cidade dos homens, deparando-se com um projecto mais perfeito, usufruindo de um funcionamento irrepreensível, fundado nos modelos das mais belas representações poético-filosóficas da cidade, como se ele estivesse do outro lado do espelho. Recruta, pois, a capacidade de sonhar do homem de todos os tempos, ou porventura a fantasia romântica do seu tempo, apelando

<sup>60</sup> *Idem, ibidem*, p. [55].

para a sátira ou para o tom jocoso, para dar respostas às reivindicações das gerações da época, quando noutros horizontes é já o socialismo que induzia à génese de utopias oitocentistas. De qualquer modo, *O Balão aos Habitantes da Lua* é mais uma resposta aos anseios de um projecto de sociedade harmoniosa, sem a exuberância e a dimensão dos modelos que o inspiraram, mas correspondente às expectativas do contexto que condicionou a sua composição.